
ARTIGO

**UMA UTOPIA PARA O PASSADO:
a Inconfidência Mineira nas leituras das
Cartas chilenas (1845-1940)****JOACI PEREIRA FURTADO****Doutorando em História - USP**

No tempo em que a política mineira era uma planície onde campeavam velhas raposas, circulava nos covis uma frase tão cínica quanto reveladora do pragmatismo com o qual as elites geralistas se destacaram no jogo do poder. Costumavam dizer que “o que importa não é o fato, mas a versão”¹ - talvez antecipando o que a moderna historiografia reconheceu somente após superar o positivismo.

Mas o ditado ajusta-se bem ao caso que examinaremos aqui. Trata-se da história da interpretação das *Cartas chilenas*, poema satírico atribuído a Tomás Antônio Gonzaga. Assinadas com o pseudônimo “Critilo”, as “cartas” descrevem os desmandos de Fanfarrão Minésio, “governador de Chile”, num irônico disfarce associado ao período da administração de dom Luís da Cunha Pacheco e Meneses, mais tarde conde de Lumiares, que governou a capitania de Minas Gerais de 1783 a 1788. Saltando a querela da autoria, que se arrastou pelo menos até há 40 anos atrás, assinalamos que o poema foi impresso gradualmente nos anos de 1826, 1845 e 1863 - atingindo neste último sua forma mais completa, com 13 “cartas” mais a “Epístola a Critilo”, o que se repetiu em nosso século nas edições de 1940, 1942, 1944, 1957, 1972 e 1995.

Os primeiros comentários sobre o panfleto surgiram em 1845, na edição de sete epístolas satíricas promovida pela revista carioca *Minerva brasiliense*. Incorporado ao patrimônio da história da literatura brasileira ainda no século XIX, o poema não passou despercebido a críticos e historiadores, que constituem a

¹ Segundo Gilberto Dimenstein, a frase é de Gustavo Capanema, que teria sido plagiado por José Maria Alckmin: “‘Eu inventei a frase e todos dizem que é sua’ - reclamaria Capanema. Veio a resposta genial [de Alckmin]: ‘Você tem mesmo razão. O importante é a versão e não os fatos’”. Cf. DIMENSTEIN, Gilberto. *As armadilhas do poder*; bastidores da imprensa. São Paulo, Summus, 1990. p. 53.

maioria dos intérpretes que este trabalho abordará em seguida, adentrando pelo século XX até o ano de 1940.

Nosso objetivo aqui é apresentar de forma bastante abreviada as relações que tais leitores estabeleceram entre as *Cartas chilenas* e a Inconfidência Mineira. Sintonizados com a sugestiva sentença da velha guarda da política mineira, cabe acrescentar que, de fato, o significado do texto, sobretudo o literário, não é neutro ou unívoco, não o precede, nem está previamente definido. Plurívoco, aberto, polissêmico, o texto é, como potencial de leitura, um pretexto. E a leitura, “enquanto acto, nunca é inocente, o que não significa que seja culpada, mas que a verdade do texto é a sua leitura”².

Entre as leituras das *Cartas chilenas* e a Inconfidência, durante o período explicitado acima, há algumas janelas que nunca se fecham ao mesmo tempo, permitindo que, por uma ou por outra, o poema vaze para dentro do fato histórico e vice-versa. De modo que se Critilo não é um propagandista da sedição, é sempre uma vítima da vingança do governo colonial, cuja ira provocada pelos ataques a Cunha Meneses se fez sentir na repressão à conjura.

Porém, mais recorrente e significativa é a indigitação de Joaquim Silvério dos Reis como o principal responsável pelo revide às agressões do panfleto. Reconhecendo-se no Silverino da “carta” VIII³, que trata das fraudes e violências fiscais das quais o contratador era um dos maiores beneficiados, Silvério teria aproveitado sua denúncia para um acerto de contas com Gonzaga - a quem acusou como líder do movimento. Indisposto com o ex-ouvidor e membro da Junta da Real Fazenda, Silvério teria entrevisto a mão do inimigo magistrado nos versos que o difamavam. E se em termos de autoria o delator errou na mira, como querem Tito Lívio de Castro e Lindolfo Gomes⁴, ele não se teria enganado ao se sentir alvejado por Critilo.

De forma que as *Cartas chilenas* adentram pela Inconfidência, saltando a janela da tragédia, onde se debruça a estigmatizada figura de Silvério dos Reis, que os leitores em questão apedrejam com adjetivos que vão de “infame” a

² BARTHES, Roland & COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Trad. Teresa Coelho. Lisboa, Imprensa Nacional, 1987. v. 11, p. 200.

³ GONZAGA, Tomás Antônio. Cartas chilenas, em que o poeta Critilo conta a Doroteu os factos de Fanfarrão Minésio, governador de Chile. In: _____. *Poesias - Cartas chilenas*. Rio de Janeiro, INL, 1957. p. 263-4.

⁴ CASTRO, Tito Lívio de. As “Cartas chilenas”. In: _____. *Questões e problemas*. São Paulo, Empresa de Propaganda Literária Luso-brasileira, 1913. p. 43. GOMES, Lindolfo. *A autoria das ‘Cartas chilenas’*. Juiz de Fora, Typographia Brasil, 1932. p. 18.

“torpíssimo”, passando pela previsível analogia com Judas⁵. Como que numa decorrência natural de seu caráter já bastante depreciado, ao qual agora se soma a ira cega da vingança, o denunciante da conspirata constitui-se num álibi sedutor para se explicar a incriminação de Gonzaga no levante abortado. Ativista ou apenas complacente com a trama conspiratória, satirista disfarçado ou somente cantor de Marília, Gonzaga pagaria caro o ódio que despertara em Silvério pela suspeita de ser o autor do pasquim que o vergastava⁶.

Quando falamos em “janela da tragédia” referimo-nos ao apelo dramático que o episódio da conjuração mineira encerra. As reuniões secretas na calada da noite - “Atrás de portas fechadas / à luz de velas acesas” (Cecília Meireles) -, a invocação da elástica idéia de liberdade - “essa palavra / que o sonho humano alimenta: / que não há ninguém que explique / e ninguém que não entenda!” (Cecília Meireles) -, as esperanças depositadas no país esboçado por alguns conjurados, o desejo frustrado de emancipação, a traição que decreta o infortúnio de todos, a fantasmagórica figura do embuçado, as prisões e o conturbado processo das devassas, a estranha morte de Cláudio Manuel da Costa, o gesto vicarial de Tiradentes, o jogo teatral das sentenças, a brutal e espetacular execução do alferes, o sofrimento do degredo, a morte de Alvarenga Peixoto exilado de sua Bárbara Heliadora, o fim do idílio de Gonzaga/Dirceu e Maria Joaquina/Marília - tudo isso lapida uma das lentes através das quais as *Cartas chilenas* são percebidas no cenário da Inconfidência, como se elas inexoravelmente integrassem o drama que passa pela perfídia de Silvério, até chegar ao 21 de abril. Em outros termos, se para esses intérpretes da sátira esta não explica a conjura, não é menos verdade que a conspiração oferece referenciais para que se compreenda as chibatadas de Critilo, contra as quais, através da repressão ao conluio, reagiriam os governantes coloniais - como acreditam Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco⁷ -, Joaquim Silvério dos Reis - conforme Tito Lívio de Castro, Afonso Arinos e Alberto Faria - ou o próprio Cunha Meneses - que, segundo Lindolfo Gomes, teria caluniado Cláudio e Gonzaga em Lisboa e advertido o visconde de Barbacena⁸.

⁵ CASTRO, T. L. de. *Op. cit.*, p. 42-3. FARIA, Alberto. Cryptonimos das “Cartas chilenas”. In: _____. *Accendalhas; litteratura e folk-lore*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurillo, 1920. p. 16.

⁶ CASTRO, T. L. de. *Op. cit.*, pp. 42-4. FARIA, A. *Op. cit.*, p. 16. Idem. Tropologia das “Cartas chilenas”. In: *Op. cit.*, p. 177. FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Introdução. In: GONZAGA, T. A. *Cartas chilenas; precedidas de uma epístola atribuída a Cláudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1940. pp. 79-81.

⁷ BRAGA, Teófilo. *A arcadia lusitana*. Porto, Chardron, 1899. p. 610. Idem. *Historia da litteratura portugueza; Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia*. Porto, Lello & Ir., 1901. p. 540. BRANCO, Camilo Castelo. *Curso de litteratura portugueza* (1876). In: FERREIRA, José Maria d’Andrade. *Curso de litteratura portugueza*. Lisboa, Mattos Moreira, 1875. pp. 248-9.

⁸ GOMES, L. *Op. cit.*, pp. 29-31.

Outro ponto de passagem entre a leitura do panfleto e o movimento conspiratório, que no entanto não veda necessariamente o anterior, é a idéia de que as *Cartas chilenas* e o governo de Fanfarrão Minésio estariam entre as causas da tentativa de independência em Minas. Perdendo aquele papel um tanto passivo de denúncia e indignação castigadas, o poema assume agora feições mais agressivas, de incitação à revolta, de defesa de interesses já brasileiros, de testemunho da exploração e opressão reinóis, de justificativa da conjura. Aqui a perspectiva se inverte: é a Inconfidência que invade o libelo, como consequência dos fatos que relata ou dos propósitos do poeta.

Joaquim Norberto de Sousa Silva, por exemplo, na sua *História da conjuração mineira*, insere a redação do pasquim na pauta dos conciliábulos⁹, embora numa obra anterior tenha negado qualquer sintoma de anticolonialismo em Critilo¹⁰. Nas demais leituras, Cunha Meneses surge como o responsável pela planejada rebelião que Barbacena reprimiu. O governo de Minésio ganha cores sombrias, carregadas da tirania e do padecimento que as “cartas” documentam ao mesmo tempo que atacam. A Critilo é atribuído um espírito heróico, ciente de sua brasilidade humilhada pela prepotência metropolitana. Seu poema, que João Pedro da Veiga Miranda muito singularmente chama de “o Evangelho para a libertação da Colonia”¹¹, seria peça preciosa da “historia da liberdade brasileira”, segundo Luís Francisco da Veiga, porque registraria

“os factos praticados por um governador modelo, que provocou uma memoravel, mas abortada revolução, prodromo muito significativo do movimento liberal que 33 annos mais tarde nos outorgou a independencia [...]”¹²

E ainda que não se atribua a Cunha Meneses a culpa pela reação dos colonos, seu governo e sua figura não escapam ao autoritarismo e à antipatia que as *Cartas chilenas* lhes atribuem, conforme verificamos em Artur Mota e Haroldo Paranhos¹³.

⁹ SILVA, Joaquim Noberto de Sousa. *História da conjuração mineira*. Rio de Janeiro, INL, 1948. t. 1, p. 70.

¹⁰ Idem. Notícia sobre I. J. de Alvarenga Peixoto e suas obras. In: PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga. *Obras poéticas de...* Rio de Janeiro, Garnier, 1865. p. 104.

¹¹ MIRANDA, João Pedro da Veiga. *O pamphletario d'O primeiro reinado*; memoria historica commemorativa do centenario do nascimento de Luiz Francisco da Veiga. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1936. p. 15.

¹² VEIGA, Luís Francisco da. Epilogo. In: GONZAGA, T. A. *Cartas chilenas*; (treze) em que o poeta Critillo conta a Dorothéo os factos de Fanfarrao Minezio governador de Chile. Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1863. pp. 215-6. (Grifo no original).

¹³ MOTA, Artur. *Historia da litteratura brasileira*. São Paulo, Nacional, 1930. v. 2, pp. 334-6. PARANHOS, Haroldo. *Historia do romantismo no Brasil*. São Paulo, Cultura Brasileira, 1937. v. 1, pp. 203-10.

Na verdade, para a quase totalidade desses intérpretes do panfleto, o governador não era apenas politicamente insuportável - embora não fosse uma exceção entre os administradores da colônia, de acordo com alguns leitores¹⁴. Tratava-se também de uma pessoa repulsiva. A tal ponto que a opção pela autonomia seria realmente inevitável¹⁵. Numa permanente paráfrase das *Cartas chilenas*, seus intérpretes não nos deixam outra escolha a não ser o repúdio a Cunha Meneses. Assim, uma avalanche de palavras e expressões depreciativas inunda as referências a Fanfarrão Minésio: cercado por uma corte de “intrigantes, bajuladores e ladravazes”, ele é sempre um “déspota”, um “monstro infame” cujos “abusos e vícios” prestaram tema à sátira, “opressor e imoral”, de uma “dureza brutal”, “doido”, “infamíssimo”, “antipático”, “vaidoso”, “ridículo”, “leviano”, “burlesco”, “inepto”, “orgulhoso”, “figura balofa”, “desprezível”, “ignorante”, “bruto fidalgo”, “energúmeno”, “nefasto”, “desregrado”, “violento”, “prevaricador”, “louco”, “venal”.

Portanto, mesmo que a conjuração não esteja no horizonte de Critilo, em seus leitores ela é onipresente - seja pela intrincada rede de inimizades que desaguaria na conspirata, seja pelo conteúdo contestatório da sátira ou pelo ambiente opressivo que retrata, seja por tudo isso ao mesmo tempo. Nem José Veríssimo, para quem o pasquim “jamais deixa perceber o menor sentimento de desgosto da metrópole e do regime colonial”¹⁶ - embora o crítico literário creia na vindita¹⁷ -, permanece imune a alguma forma de associação entre o panfleto e a fracassada rebelião mineira.

¹⁴ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960. t. 2, p. 436. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brasil*; antes da sua separação e independência de Portugal. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d. v. 4., p. 425. FRANCO, Caio de Melo. *O inconfidente Claudio Manoel da Costa*; “O parnazo obsequioso” e as “Cartas chilenas”. Rio de Janeiro, Schmidt, 1931. p. 20.

¹⁵ VEIGA, L. F. da. *Op. cit.*, p. 16. MIRANDA, J. P. da V. *Op. cit.*, pp. 121-36. VEIGA, José Pedro Xavier da. As “Cartas chilenas” (estudo bibliográfico). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, 2(2):403-24, abr.-jun. 1897. ROMERO, S. *Op. cit.*, p. 433. PERIÉ, Eduardo. *A litteratura brasileira nos tempos coloniaes...* Buenos Aires, Eduardo Perié, 1885. p. 215. VARNHAGEN, F. A. de. Biographia de brasileiros distintos ou de individuos illustres que serviram no Brasil, &c. Ignacio José de Alvarenga Peixoto. *Revista trimensal de historia e geographia*, Rio de Janeiro, 13:515, 1850. SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858. v. 19, p. 260. MACEDO, Sérgio D. T. de. As “Cartas chilenas” - Inconfidencia Mineira - Thomaz Gonzaga. In: _____. *A literatura no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, Brasília Editora, s/d. p. 93. CASTRO, T. L. de. *Op. cit.*, p. 34. FRANCO, C. de M. *Op. cit.*, pp. 171, 235.

¹⁶ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*; de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954. p. 135.

¹⁷ *Ibidem*, p. 137.

De um modo ou de outro, todos são tributários do mito da Inconfidência forjado ao longo do século XIX¹⁸. É ele que se interpõe entre o poema e esses leitores, constituindo-se numa espécie de trilho fora do qual torna-se difícil circular pela obra, irrecorrivelmente condenando as *Cartas chilenas* a serem lidas no âmbito daquilo que se erigiu como o momento da fundação da nacionalidade brasileira. Em outras palavras, aqui nos deparamos com a ditadura hermenêutica do contexto sobre o texto - aquela que cassa à obra a liberdade de expressão em nome da crítica literária ou do conhecimento histórico. Isto posto, não é de admirar que se vislumbre em Critilo uma utopia da qual certamente ele estava longe de compartilhar.

¹⁸ CARVALHO, José Murilo de. Tiradentes: um herói para a República. In: *A formação das almas; o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. pp. 55-74.